

## Me Empresta Seus Olhos: Áudio-Perfil de Uma Estudante Cega<sup>1</sup>

Kaito Campos de NOVAIS<sup>2</sup>

Angelita Pereira de LIMA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Goiás, Goiás, GO

### RESUMO

Esse artigo apresenta o perfil *Me empresta seus olhos*, que faz um recorte da história de vida da estudante Jéssyca Rodrigues de Castro. Cega desde os seis anos, ela cursa Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Goiás. A partir de técnicas do Jornalismo Literário, o perfil apostou na imersão e subjetividade para criar empatia quanto à realidade da personagem, apontando para a possibilidade do deficiente visual romper com obstáculos sócio-espaciais e realizar um curso superior. Simultaneamente, houve a intenção de denunciar problemas de acessibilidade e políticas afirmativas da Universidade; e produzir uma narrativa acessível aos deficientes visuais, o que explica o formato em áudio.

**PALAVRAS-CHAVE:** acessibilidade; cegueira; jornalismo literário; perfil.

### 1 INTRODUÇÃO

Na literatura, frequentemente, os olhos são ferramentas de sentido que atendem a descrições alegóricas ou psicológicas – mais do que a descrições físicas – de uma situação, de um ambiente, de um objeto, de uma pessoa. Assim, rebanham-se personagens cuja deficiência visual dá acesso a percepções humanizadas. Neste sentido, surge a figura do médico no livro “Ensaio sobre a cegueira”, do escritor português José Saramago. Em determinado momento da narrativa, acometido pela epidemia da cegueira branca, o médico diz: “Se eu voltar a ter olhos, olharei verdadeiramente os olhos dos outros, como se estivesse a ver-lhes a alma” (SARAMAGO, 2009, p.262).

Também o cego Estrelinho, em conto do escritor moçambicano Mia Couto (2012), era personagem admirador das histórias e invenções do mundo. Carecia do guia Gigito, quem lhe narrava fantasias e o conduzia para além da realidade. Contudo, quando Gigito teve de se alistar no serviço militar, Estrelinho ganhou nova guia, Infelizmina, que não tinha vocação para imaginar. Foi então a vez do cego de orientar o caminho, suficiente de si.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade – JO 13 Produção Jornalismo Literário e/ou de Opinião.

<sup>2</sup> Aluno líder e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Goiás, email: kaitonovais@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do Trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Goiás, email: anja.angelita@gmail.com.

Esses personagens são exemplo de instantes em que a literatura compreende o universo da cegueira pelo ângulo da pessoa cega. Como sugere Angelita Lima (no prelo), quando o personagem é convocado para narrar o mundo sob sua perspectiva, a *deficiência* deixa de ser entendida como “falta de eficiência” e se torna sinônimo de potência. A partir desse contexto, surge o perfil *Me empresta seus olhos*, que procura transportar esse fator humanizador da literatura para o jornalismo.

Conforme Edvaldo Pereira Lima (2009), estender o jornalismo para a literatura implica abarcar métodos dessa última, como partir da construção de cenas e diálogos para contar o modo de ser e de falar do personagem. Simultaneamente, implica também esquivar das técnicas linguísticas e de padrões de execução da produção diária de jornalismo (falta de tempo; cumprimento de pautas; objetividade, etc.). Assim, é possível “[...] encontrar a vida palpitante nos episódios históricos, identificar os atores dos acontecimentos” (LIMA, 2009, p.285) para então construir “[...] um texto que pareça ficção – pelo lúdico que oferece, pela fruição que proporciona –, mas que seja real” (LIMA, 2009, p.285).

Com condições ideais para o uso desses métodos da literatura, o perfil, segundo Vilas Boas, é compreendido como “uma narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto), quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter” (2003, p.13). Esse conceito interage com a seguinte definição de *narrativa*:

Relato de um conjunto de acontecimentos dotados de sequência, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia e, tanto quanto possível, de si mesmo, pelo espelho que encontra nos seus semelhantes retratados pelo relato. (LIMA, 2009, p.138)

A partir desses significados, articulou-se a trajetória da estudante Jéssyca Rodrigues de Castro, que, à época, tinha 21 anos<sup>4</sup>. Foi por causa da jovem, cega desde os seis anos de idade, que o perfil ganhou o prefixo “áudio”. Entre literatura e jornalismo, o produto resgata “[...] a certeza de que a realidade é complexa e composta não apenas de palavras. É feita de texturas, cheiros, nuances e silêncios” (BRUM, 2008, p.14). Herdeira de características literárias, a narrativa é emissão constante da compreensão de mundo da personagem, ao exprimir os ruídos e as linguagens sonoras que compõem sua rotina.

## 2 OBJETIVO

O áudio-perfil foi produzido como trabalho de conclusão da disciplina Jornalismo Literário. A proposta era que, baseados na bibliografia e na metodologia do curso, os alunos

---

<sup>4</sup> O perfil foi produzido no primeiro semestre de 2014.

compusessem perfis com liberdade de escolha do tema. Assim também o *perfilado* poderia ser não somente uma pessoa, mas qualquer universo que invocasse a necessidade por explorar o Jornalismo Literário. O objetivo da atividade foi desenvolver a prática desse gênero, desde os momentos de pré-produção (entrevistas, observações, vivências) e produção (transcrição de entrevistas, composição do texto) até a pós-produção (gravação do texto e edição).

Diante das possibilidades de escolha do tema, decidiu-se que seria produzido o perfil de Jéssyca Rodrigues de Castro. O principal propósito era contar um momento da história de vida da estudante, acentuando o fator *humanização* do Jornalismo Literário. A escolha da personagem se baseou na vontade do estudante-repórter por compreender o universo da pessoa deficiente visual; e na necessidade de romper com o paradoxo que surge quando se aproximam os termos “estudante” e “cegueira”. Ou seja, a partir da experiência da personagem, pretendeu-se provar que é possível fazer um curso superior, mesmo sendo cega. Também era preciso mostrar que essas duas realidades são opostas apenas na perspectiva do “outro”, quem interpreta pelo lado de fora.

Neste ponto, visou-se destituir a cegueira do papel de passividade: ao invés de ser “apontada” no texto, intencionou-se sobre ela o papel de agente, de “apontadora”. Conforme Angelita Lima (no prelo), o propósito seria de fazer com que o corpo deficiente fosse tratado como afirmador político. Foi o momento de usar o ensinamento de Cremilda Medina quando propôs chamar personagens anônimas para construir a história (MEDINA, 1978 apud LIMA, 2009). Mais do que isso: o perfil deveria ter o desafio de elaborar um texto jornalístico que perpassa questões de acessibilidade e que, sobretudo, fosse acessível aos deficientes visuais. A alternativa encontrada foi de produzir um áudio-perfil.

Espera-se que o produto seja transmitido na programação da Rádio Universitária da UFG e também disponibilizado em plataformas de Internet, para acesso global. O público-alvo foi a população acadêmica geral, de estudantes a servidores técnicos e administrativos, que possui ou não algum tipo de deficiência visual.

### **3 JUSTIFICATIVA**

A angulação do perfil foi a vida estudantil e universitária de Jéssyca Rodrigues de Castro, que cursa Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Goiás, de modo a narrar o momento do presente, com digressões ao passado. O primeiro passo para a produção foi a abordagem e, em consequência, a vivência. Ao acompanhar a estudante pelo

campus, observaram-se obstáculos espaciais: guias-táteis inconclusos no chão; longa distância entre os prédios; calçadas quebradas ou irregulares; cadeiras, mesas e outros objetos desordenados espalhados pelos corredores dos Centros de Aulas; falta de apoio no transporte público (Jéssyca utiliza oito ônibus por dia, apenas para ir e voltar à faculdade).

Por isso, a história da estudante surge como um indicador de necessidades dos alunos e servidores técnico-administrativos deficientes visuais da UFG. Mesmo acompanhada de uma monitora que lê os textos das disciplinas teórico-pedagógicas, não é o bastante para resolver problemas de mobilidade, como exemplifica o excerto: “É também Adriana [monitora] quem leva Jéssyca de um prédio da faculdade para outro. Os caminhos são sempre longos, as ruas não são adaptadas, as calçadas se abrem para abismos que sugam toda a autonomia que Jéssyca deseja” (NOVAIS, 2014). Com isto, o produto torna-se uma ferramenta de denúncia das condições abusivas e precárias desta população específica, como se evidencia a seguir:

Jéssyca reclama do que também reclama a professora Sheila. Tentamos todos encontrar nessa narrativa qualquer ajuda do Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal de Goiás. Encontramos nada. Me sensibilizei a ponto de ir até o Núcleo. Levei as demandas de Jéssyca ao diretor Régis. Pedi as digitalizações, a impressora em Braile, que existe e está inoperante porque o sistema é assim: se demora. Pedi urgência. (NOVAIS, 2014)

Além de diagnosticar problemas sócio-espaciais da UFG, o autor se prestou a buscar respostas da instituição e realizar a troca de informações entre entidade e aluna. Isto porque a principal urgência da estudante era a comunicação, uma lacuna entre esses dois mundos. Portanto, o perfil reúne vozes que não se encontram no ambiente da UFG a fim de se tornar um negociador de políticas de acessibilidade<sup>5</sup>, ao menos na Universidade.

Outra questão apontada é a falta de acessibilidade na metodologia pedagógica a qual os estudantes de licenciatura em matemática estão envolvidos. Por exemplo, o uso da lousa, projeções de *slides*, fotos e vídeos são elementos comumente utilizados em sala de aula, mas que não compreendem a realidade de quem não enxerga ou apresenta dificuldades para enxergar. Por sorte, Jéssyca tem uma professora de física que a ajuda no enfrentamento dessas questões, ao levar para a classe objetos que projetam situações ou fenômenos físicos ao alcance do tato, enquanto os demais alunos observavam ao alcance dos olhos, no quadro-negro. A professora, em questão, é exemplo raro.

---

<sup>5</sup> No momento de construção do perfil, a UFG contava com o Núcleo de Acessibilidade, que mais tarde tornou-se o Sistema Integrado de Núcleos de Acessibilidade (SINAce), com a proposta de cumprir com os requisitos legais de acessibilidade na Universidade.

Por esses motivos, o entrevistador começou a abarcar o mundo da entrevistada de forma a imergir na narrativa sem se preocupar em sair ileso de indignações. Já não era possível escrever um texto que não fosse em primeira pessoa do singular, tamanha afetação. Este fator também explica a necessidade do autor em surgir no texto não apenas como mero narrador, mas também como agente e personagem da história. Tentou-se extirpar a objetividade, ou pretensão de erradicar a presença do repórter no texto, para que o distanciamento entre o narrador e a fonte fosse reduzido. A pretensão foi provocar a sensação de *empatia* ao público-ouvinte. Para Vilas Boas, “[...]empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem” (2003, p.14).

A produção de jornalismo com linguagem objetiva é arriscada, porque, ainda conforme Vilas Boas (2003), provoca frieza e indiferença. Isso faz com que surjam leitores que acumulam muita informação, contudo sem acumular estímulos ou sentimentos em relação ao *outro*. “Com o tempo, passam a encarar a morte e a tragédia, por exemplo, como coisa trivial, e não têm dúvidas quanto a seu direito de divulgar as fraquezas dos outros, sem nunca ter de se expor por eles mesmos” (VILAS BOAS, 2003, p.14).

Outro argumento para a invasão do “eu” na narrativa é que o perfil tem caráter autoral. Além disso, “[...] não pode haver neutralidade, imparcialidade, verdade absoluta, quando os mecanismos de captação do real são condicionados por uma série de fatores pessoais [...] e conjunturais [...] que limitam a compreensão do mundo” (LIMA, 2009, p.100). Desta forma, a subjetividade assume a existência de múltiplas realidades que se interagem no texto.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Mesmo que o repórter soubesse da existência de Jéssyca de Castro através de rumores, um não conhecia o outro. Portanto foi necessário fazer uma pesquisa prévia pelo Instituto de Matemática e Estatística da UFG. Depois de ouvir a alguns depoimentos, iniciou-se a procura pela estudante. A princípio, não se sabia o nome da personagem, apenas o gênero, o ônibus utilizado para ir até a faculdade e o curso que estudava. Algumas tentativas de encontrar Jéssyca foram frustradas, até que o encontro aconteceu, no momento descrito no excerto:

Olhei para trás. Outro coletivo estava estacionado, devolvendo as pessoas pra rua. Do monte enevado daqueles que enxergavam pelos olhos, saiu alguém que enxergava pela sensibilidade da ponta de uma bengala de

ferro. Jéssyca, preciso ser sincero: eu te persegui. Caminhei pisando manso ao seu lado, me desvesti desse papel principal para ser um desses anônimos que caminham perto da gente. Minha textura e consistência até então eram parte de uma dimensão que não fazia diferença pros seus olhos. Só quando busquei em mim coragem para projetar a voz, que passei a existir para você. Pela primeira vez, o princípio começava pelo som. (NOVAIS, 2014)

É preciso destacar que as características do Jornalismo Literário não são empregadas apenas no momento de redigir o texto, pois, além de técnicas de linguagem, o estilo refere-se à relação entre jornalista e fonte. É mais um compromisso de ética do que de estética. Algumas técnicas de captação apontadas por Edvaldo Pereira Lima (2009) e Dulcília Schroeder Buitoni (apud LIMA, 2009) foram utilizadas no período de produção. Foram elas: a *observação participante*, que conduz ao “[...] mergulho e envolvimento total nos próprios acontecimentos e situações, os jornalistas tentando viver, na pele, as circunstâncias e o clima inerente ao ambiente de seus personagens” (LIMA, 2009, p.122-123). A *entrevista de compreensão*, a qual incluiu: o *perfil humanizado*, que se refere à “[...] abertura e proposta de compreensão ampla do entrevistado em vários aspectos” (LIMA, 2009, p.93); as *histórias de vida*, entendida como “[...] reprodução do diálogo entre o entrevistador e o entrevistado – ou como o depoimento direto” (LIMA, 2009, p.114); e as *memórias*, ou seja, o “[...] resgate de riquezas psicológicas e sociais” (LIMA, 2009, p. 127).

A personagem consentiu em participar do trabalho e confiar as memórias, preocupações e medos ao repórter, na condição de gravar os momentos de entrevista e observação. Como o perfil teria formato de áudio, as gravações teriam papel fundamental para construir cenas e diálogos. Os demais entrevistados também estavam cientes e autorizaram o uso da voz no trabalho. Foram necessários quatro encontros em momentos e espaços diferentes da universidade, como salas de estudo, salas de aulas, salas de professores e outros ambientes.

Pessoas que participavam da rotina da estudante também foram entrevistadas, particular e separadamente, sobre as impressões que tinham da perfilada e sobre questões referentes à acessibilidade. Desta forma, o perfil se abriu para a articulação de discursos da monitora, da professora de física, do professor particular, de dois colegas de classe e do diretor do Núcleo de Acessibilidade da UFG. Além disso, foram captadas conversas informais entre Jéssyca e a monitora, e trechos de uma aula de física ministrada pela professora entrevistada.

Depois desse processo de vivência, os áudios foram transcritos. A escrita do roteiro organizou a trilha sonora, sons ambientes, efeitos sonoros, diálogos e a narração. Nessa última, foram usadas técnicas comumente atribuídas ao Jornalismo Literário, principalmente no que Tom Wolfe (2005) refere-se quando aponta os recursos provenientes do estilo literário Realismo, empregado por autores como Balzac, Dickens e Gogol, por exemplo. Alguns desses recursos são: *construção de cenas*, em que se descrevem situações sem se prender à narrativa histórica; *diálogos*, que “[...] estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso” (WOLFE, 2005, p. 54); *ponto de vista da terceira pessoa*, que sugere contar cenas através de um ponto de vista de um personagem específico; e *registro dos costumes*, recurso que pretende reunir um padrão simbólico do personagem, ao mostrar gestos, hábitos, maneiras de vestir, comer, entre outros.

Com orientação da professora Angelita Lima, que ministra a aula de Jornalismo Literário, uma primeira versão foi corrigida presencialmente. Em seguida, o autor do texto gravou a narração, permitindo a última etapa do processo: a edição do perfil, conforme o roteiro, em um *software* de montagem de áudio e vídeo. Foram usadas trilhas sonoras e sonoplastias a fim de explorar a capacidade imaginativa e comunicadora de inconscientes das plataformas radiofônicas. Afinal, “[...] no escuro, muitas coisas podem estar próximas de nós sem serem vistas ou reconhecidas. Elas estão ali e já não estão ali, como fantasmas. Assim a cegueira da arte sonora pode ser explorada para produzir efeitos especiais.” (ARNHEIM apud MEDITSCH, 2005, p.70). Levou-se em conta que o formato sonoro invoca a metáfora da cegueira: representa a liberdade na construção de imagens mentais.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O áudio-perfil foi intitulado como *Me empresta seus olhos*, que é um trecho da seguinte frase, proferida por Adriana Almeida, monitora da estudante, em entrevista: “Às vezes eu aprendo muita coisa com a Jéssyca. Ela fala assim: ‘Me empresta seus olhos’. Porque eu empresto meus olhos pra ela” (NOVAIS, 2014). É esse discurso que abre o produto, a fim de explicar o sentido do título e servir como um subtítulo. A princípio, não é possível identificar a quem pertence essa voz. O objetivo, porém, é que ela seja o prenúncio intuitivo de que se trata da história de vida de uma pessoa com deficiência visual.

Na forma de narrativa utilizada, baseando-se na tipologia do narrador de Norman Friedman, predominou o ponto de vista de um “autor onisciente intruso”. Dessa forma, o



narrador teve liberdade para se posicionar em relação aos acontecimentos descritos, de *dentro* ou de *fora* das cenas, valorizando as “próprias palavras, pensamentos e percepções. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral [...]” (LEITE, 1985, p.25-70).

O perfil foi dividido em quatro partes. A primeira é introdutória, de caráter subjetivo. As demais partes foram separadas por temas, que foram denominadas por “Tempestade”, “Vozes” e “Mensagem”. Na introdução, o autor se vê na obrigação de se posicionar em relação à história como uma voz que, assumidamente, interage na narrativa. Foi momento de apontar como se deu a abordagem e introduzir brevemente algumas descrições de Jéssyca através do ponto de vista do próprio narrador, como exemplificado no trecho: “Talvez eu me confunda com ela [Jéssyca], porque estamos ambos presos na nossa própria cegueira. Eu, na cegueira por não reparar. Ela, por não enxergar.” (NOVAIS, 2014). Neste momento específico, foi invocada uma referência ao escritor português José Saramago, ao lembrar elementos de sua máxima “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” (SARAMAGO, 2009, p.9).

Alguns elementos intrinsecamente característicos da plataforma áudio já puderam ser notados. A construção de cenas se dá por meio de sons ambientes, como o rufar de páginas de um livro, o soar de um motor, a freada de um ônibus e a cadência de passos. Às vezes, a narração-escrita não suporta a descrição do espaço, como no trecho: “Coloco o fone de ouvido, trilha meu dia com música para ignorar a catira espontânea dos meus tropeços. Mas antes que eu me distanciasse o bastante até que o ponto sumisse, ouvi...” (NOVAIS, 2014). Nesse ponto, as reticências sinalizam para uma realidade possível apenas ao plano dos ouvidos: o ruído de um ônibus se aproximando.

Em “Tempestade”, o trabalho de elaboração de cena continua. Tudo se passa dentro de uma sala de aula. Ali, o ouvinte é colocado no lugar de Jéssyca, injetado por empatia por não conseguir visualizar a classe, apenas apreender pela audição e diferenciar os rumores de conversas corriqueiras dos ensinamentos. Surgem os diálogos espontâneos e reais, além de novos personagens, como colegas de classe e a professora Sheila, que também é deficiente visual: tem baixa-visão, possui apenas 20% da capacidade de ver.

Em “Vozes”, a voz de Jéssyca surge para falar de si mesma: “O mundo não tá invisível. Tem formas de ver. Eu vejo de outras formas. De forma talvez que alguém que não enxerga nem vê, por não dar atenção pros outros sentidos” (NOVAIS, 2014). Também nesse momento, surge a figura da monitora; são descritos os enfrentamentos diários e como



a condição da falta de acessibilidade impõe obstáculos à cegueira; aponta-se para a maneira que Jéssyca encontra de ultrapassar esses obstáculos.

Na última parte, “Mensagem”, retorna-se à relação entre fonte e entrevistador, de forma a demonstrar como esse contato impactou ambos os lados. Aponta-se a resposta do diretor do Núcleo de Acessibilidade da UFG, quando o repórter levou as demandas de Jéssyca. Realiza-se a troca de informações, um encontro mediado. Ali, perpetuou-se a definição de comunicação de Alceu Amoroso Lima (1969), quando se referiu a ela como um gênero em prosa que significa levar uma mensagem a outro.

## 6 CONSIDERAÇÕES

*Me empresta seus olhos é* pulsação do aspecto *humanização* do perfil em Jornalismo Literário. A história de vida de Jéssyca de Castro precisava ser contada, porque denuncia, revela e aponta à acessibilidade, lado a lado ao preconceito e aos desafios de mobilidade e negligência. É uma narrativa que, sobretudo, desafia a Universidade e suas políticas afirmativas.

Além disso, o produto é a prova de que o Jornalismo Literário não precisa, necessariamente, ser sinônimo de jornalismo impresso. Abre as possibilidades para novas mídias e plataformas. Desvincula a ideia da palavra imagética para retomar uma discussão mostrada no documentário “A Janela da Alma” (2002), dos diretores João Jardim e Valter Carvalho: num momento histórico em que narrativas que prendem atenção devem exagerar no uso de elementos gráficos visuais, narrativas “simples” perdem a capacidade de emocionar. O áudio-perfil em questão é, portanto, um chamado para que o ouvinte se atente às percepções sonoras e se emancipe do acúmulo de informações visuais.

Na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da UFG, especificamente, o produto iniciou um questionamento: por que não existem estudantes cegos estudando Comunicação na FIC? Ou seja, até que ponto o ensino do jornalismo e o jornalismo são acessíveis? Tais apontamentos foram de profundo interesse ao autor-narrador do perfil. Aliás, o contato entre o estudante e a personagem gerou tamanha imersão e impacto que, atualmente, o graduando do 7º período de Jornalismo trabalha na equipe de comunicação do Núcleo de Acessibilidade da UFG, que se tornou Sistema de Núcleos de Acessibilidade (SINAce). A intenção do SINAce é reduzir a distância entre Universidade e pessoas que frequentem ou participem dela, tanto nos campus e instituições vinculadas (Hospital das

Clínicas, Rádio Universitária, etc.) de Goiânia, como nas Regionais Jataí, Catalão e Cidade de Goiás.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNHEIM, Rudolf. **O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos**. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005. p.61-98.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

COUTO, Mia. *O Cego Estrelinho*. In: **Estórias Abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

JANELA da alma. Brasil, 2002. Diretores: João Jardim e Valter Carvalho.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo (ou 1 polêmica em torno da ilusão)**. São Paulo: ática, 1985. Série Princípios. p. 25-70.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LIMA, Angelita. **Apontada, a deficiência aponta: o corpo é político e, também, é a medida da existência**. No prelo.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4º Ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo, Alfa-Ômega, 1978. In LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4º Ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2009.

NOVAIS, Kaito Campos. **Me empresta seus olhos: áudio-perfil de uma estudante cega**. Goiânia, 2014. Arquivo no formato mp3.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WOLFE, Tom. **Radical Chique – O novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.